

**XI Semana de Extensão, Pesquisa e Pós-Graduação - SEPesq
Centro Universitário Ritter dos Reis**

**Análise semiótica para o uso emocional da cor no Design de
Superfície.**

Vanessa Lorscheiter
Mestranda em Design
Centro Universitário Ritter dos Reis – Uniritter
vanessa.designvl@gmail.com

César Steffen
Doutorado em Comunicação Social
Centro Universitário Ritter dos Reis - Uniritter
cesar_steffen@uniritter.edu.br

Marina Bortoluz Polidoro
Doutorado em Artes Visuais
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
marina_polidoro@uniritter.edu.br

Resumo: O mercado para produtos de decoração é muito amplo, e para o designer de superfície se diferenciar neste universo de possibilidades é necessário que ele tenha não só conhecimentos teóricos e técnicos como também culturais. A criatividade para um projeto de estamparia está muito ligada a cultura e ao que será proposto e o que a simbologia das cores proporcionam aos usuários. Esta combinação pode ser a chave para um produto final de sucesso. O objetivo do estudo é a aplicação da cor no Design de Superfície com inspiração nas cores das obras da artista mexicana Frida Kahlo. Sendo assim, este estudo traz a cor como signo, a psicologia das cores e uma análise conforme a fenomenologia de Peirce sob três fases das obras de Frida para apontar novos caminhos ao profissional da área.

Palavras-chave: Semiótica; Cores; Design de Superfície; Emoção; Frida Kahlo.

1 Introdução

As funções mecânicas de um objeto não são mais um valor real satisfatório, hoje, o que irá surpreender o usuário é a dimensão imaterial contida em sua forma, textura e em sua superfície. A função do design de superfície é comunicar-se por meio dos materiais, dos grafismos, das texturas, das sensações e das cores nos objetos de uso, sendo possível estimular os sentidos. (FREITAS, Renata. 2011 p.33).

Conforme Renata Rubim (2010, p.53), a cor é um dos fatores determinantes da atração pelo objeto, ela pode tanto abrir como fechar o canal de comunicação entre este e o

XI Semana de Extensão, Pesquisa e Pós-Graduação - SEPesq Centro Universitário Ritter dos Reis

usuário. Ela ainda traz a cor como simbologia cultural, regional, religiosa, onde povos podem ter ligações totalmente diferentes com uma determinada cor.

Por conta destas simbologias e para que seja possível o designer transmitir sensações com sua estampa, é preciso que este conheça as cores e seus significados. O designer precisa entender a cultura para a qual está projetando ou ao artista que quer remeter, conhecer de que forma estas cores afetam as pessoas para que assim possa transmitir as sensações e os sentimentos que são pretendidos.

O estudo busca como embasamento teórico o conceito de semiótica e conceitos de signo, assim como duas tricotomias de Peirce. Após, será apresentada a cor como signo. Através deste estudo, será aplicado o modelo fenomenológico de Peirce sobre três imagens com dez obras cada, que retratam três fases da vida da artista Frida Kahlo.

2 Semiótica

A semiótica vem do grego semeion que significa signo, ou seja, a semiótica é a ciência dos signos. E não somente signos, mas também a linguagem, sendo a ciência geral de todas as linguagens. (SANTAELLA, 2006)

Conforme Nöth (2005, p.29), para Saussure o signo designa o todo que tem o significado, o conceito, e o significante, imagem acústica. A partir de Saussure, Hjelmslev desdobrou estes em duas dicotomias: substância de conteúdo e substância de expressão, forma de conteúdo e forma de expressão. Define como uma entidade de duas faces, com uma perspectiva, indo a duas direções. Um 'signo' funciona, designa e significa. (Nöth, 2005 p.57) De acordo com Santaella e Nöth (2004, p78), tanto Saussure quanto Hjelmslev fundaram a tradição do signo concebido a partir de um paradigma lingüístico.

O signo, segundo Peirce, é tudo o que se relaciona a uma segunda coisa, seu objeto, com uma qualidade, trazendo assim uma terceira coisa, seu interpretante, para uma relação com este mesmo objeto. (PEIRCE, 2005 p.46)

Conforme Santaella (2006, p.40), Peirce traz um modelo fenomenológico: a primeiridade, a secundidade e a terceridade. A primeiridade é sensação, o sentimento como qualidade que dá o sabor, tom, matiz para a nossa consciência imediata. É a primeira impressão, não analisável, frágil. O fato de existir, já é a secundidade.

A secundidade então é a ação ao fato de existir, a reação e a consciência. É sem intencionalidade, razão, recebe a qualidade e toma consciência dos pensamentos. A partir do momento em que estes pensamentos tomam significado, já é terceridade. Portanto, a terceridade é que atribui um determinado sentido, valor. Nesta etapa já representamos e interpretamos o mundo.

Segundo Epstein (2001, p.49), Peirce traz mais uma tricotomia podendo o signo ser denominado de ícone, índice ou símbolo. O ícone é o signo que indica uma qualidade ou

XI Semana de Extensão, Pesquisa e Pós-Graduação - SEPesq Centro Universitário Ritter dos Reis

propriedade de um objeto em si, comunicam de forma imediata por serem percebidos de imediato. Exemplos de ícones são os quadros, desenhos, metáforas, comparações, figuras lógicas e poéticas, etc. Os índices são os signos onde a relação signo-objeto é uma relação direta, causal e real com seu objeto, é adquirido pela herança cultural ou experiências. Exemplos de índices são: uma flecha, um ponteiro de relógio, a fumaça como indicadora de presença de fogo, nomes próprios, etc. O símbolo é um signo arbitrário cuja ligação com o objeto é definida por uma lei geral, abstrata. Trazem em si caracteres icônicos e indicais.

Todo o símbolo é ou uma imagem da ideia significada, ou uma reminiscência de alguma ocorrência individual, pessoa ou coisa, ligada ao seu significado, ou uma metáfora. (PEIRCE, 2005 p.40)

3 A cor como signo

Para que a cor seja um signo é necessário que, após ter a informação cromática, ela seja recebida pela nossa visão, conscientizada da sensação recebida e interpretada na sua materialidade. (GUIMARÃES, 2000 p.19)

A cor transmite sensações para cada indivíduo que a observa, que a sente. A percepção visual depende de fatores como o do aparelho óptico, do cérebro, e segundo Heller (2014, p.17), terá uma linguagem diferente de acordo suas vivências desde a infância, podendo ter significados positivos ou negativos.

Farina (2011, p.85) traz a cor como uma realidade sensorial. É comum classificá-las em frias e quentes, assim como há cores que dão sensação de proximidade e outras de distância. Em geral, todo elemento de aproximação contribui para abrir as portas de uma boa comunicação.

Há vários estudos para a análise das preferências por determinadas cores pelo indivíduo, levando em consideração os aspectos sociológicos, psicológicos e fisiológicos.

Há necessidade, em primeiro lugar, de se tentar sanar um grande inconveniente: as reações que uma mesma cor pode ocasionar e que derivam, às vezes, da utilização que dela se pretende fazer. Se um indivíduo pensa, consciente ou inconscientemente, em uma cor relacionada a determinado uso que irá fazer dela, é evidente que sua reação não é diante da cor em si, mas da cor em função de algo. (FARINA, 2011, p.86)

Sendo assim podemos dizer que acertar a cor para uma linha de usuários exigentes, é uma tarefa mais complicada do que se podia imaginar. O designer não pode somente pensar na cor como sua origem, mas também no que ela pode significar para seu público alvo. Para utilizar cores que transmitam as sensações pretendidas, é necessário não só o estudo das cores, mas também dos costumes sociais que os indivíduos estão inseridos.

XI Semana de Extensão, Pesquisa e Pós-Graduação - SEPesq Centro Universitário Ritter dos Reis

Conforme Freitas (2011, p.33), a função do design de superfície é comunicar-se por meio dos materiais, das texturas e das cores nos objetos de uso, sendo possível estimular os sentidos humanos e provocar sensações. Utilizar-se do uso emocional das cores.

3 A semiótica e as cores nas obras de Frida Kahlo

A artista Magdalena Carmen Frida Kahlo Calderón tem sua história de vida muito conhecida por ter sido uma mulher batalhadora, artista singular e símbolo do feminismo por ter militado no partido comunista mexicano. Nascida em 06 de julho de 1907 em Coyoacán, México, muito jovem sofreu um acidente de bonde que a deixou com várias seqüelas e de cama por meses. Assim iniciou sua vida artística. (KETTENMAN, 1994. p. 18)

As obras de Frida Kahlo são encontradas na América Central, em seu país de origem, na Europa e nos Estados Unidos. Retratam a dor, os sentimentos, paixões, amores, usando para tanto as cores, as flores, símbolos, elementos da cultura popular e o ambiente em que vivia: a sua realidade. Em 1943, Diego Rivera, seu marido, escreveu o artigo “Frida Kahlo y el arte mexicano”, no qual coloca que “a arte de Frida é individual e coletiva, que pinta ao mesmo tempo o exterior e o interior dela mesma e do mundo”. (HERRERA, 1984. p. 331). Frida Kahlo assinava as suas obras sentimentalmente.

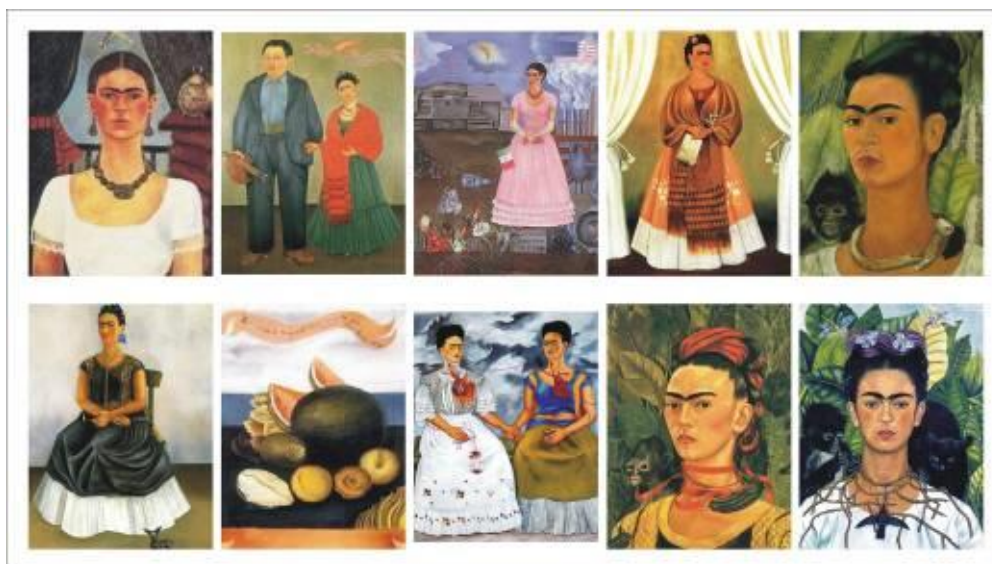
Para a análise das obras de Frida, foram selecionadas trinta obras através do site Frida Kahlo Fans e as mesmas foram divididas em três partes: início, meio e fim da vida da artista, constando dez obras em cada imagem final. As cores trazidas junto a análise foram retiradas do diário da artista, livro de FUENTES (1995. p.45), e do livro de Heller (2012) que aborda a psicologia das cores.

Considerando as fenomenologias peirceanas, primeiridade, secundidade e terceiridade, serão analisadas as imagens das figuras 1, 2 e 3 que seguem abaixo. Lembrando que a primeiridade é a primeira sensação, qualidade. A secundidade já é o existir, a consciência, reação. E o que atribui um determinado sentido, valor, é a terceiridade.

A primeira imagem (figura 1) traz as dez obras escolhidas dos anos de 1929 a 1940.

Figura 1: Obras de Frida Kahlo dos anos de 1929 a 1940.

**XI Semana de Extensão, Pesquisa e Pós-Graduação - SEPesq
Centro Universitário Ritter dos Reis**



Fonte: Elaborado pelos autores, com base na pesquisa realizada.

No início da carreira artística, identifica-se como primeiridade as obras, a diversidade de cores, algumas claras, outras escuras. E na maior parte das obras Frida se retrata, sempre com muitos adornos e roupas coloridas. Uma das obras é de frutas e em algumas há muitas folhas de fundo. Na secundidade identificamos a utilização de alguns tons de verde, o vermelho, tons terrosos, o preto e um pouco de azul. Há obras com a Frida em locais como sua casa, alguns ela está no meio de folhagens junto com seus macacos. Seus adornos são de flores, pedras e fitas.

Na terceiridade, percebemos já a artista sempre bem vestida, preocupada com sua aparência, pintando-se sempre bela. Seus adornos são naturais como galhos secos, passarinho e está muitas vezes com seus animais de estimação, os macacos, mostrando gostar muito da natureza. Aqui o verde significa tépida e boa luz, natureza. Outros tons desta cor lhe passavam tristeza, cor de bons negócios, de anúncios maus, da ciência. O verde não é nem bom e nem mau, é agradável, refrescante e é esperança. O vermelho, o sangue pintado em seu coração que lhe traz a vida e coragem. É o fogo que traz o calor, a paixão, o desejo, cor que lhe domina em seu chale ao lado de seu marido.

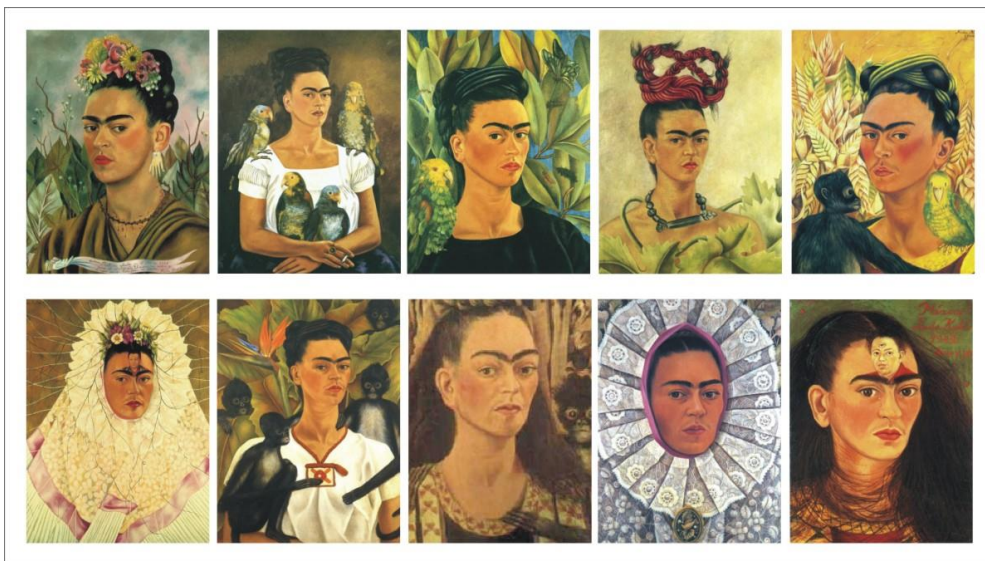
O marrom, cor de carne, de folha seca. Cor da terra e da fertilidade. É a cor do aconchego, da preguiça. Para a artista, nada é preto- realmente nada. Conforme Heller, o preto é a cor preferida dos jovens. Ele é o luto, usado em seu vestido, mas também a magia, a introversão. No século XX, a cor da elegância. O azul, no diário, simboliza a eletricidade e a pureza – amor, a imensidão do céu. O azul é a cor de todas as características boas, de todos os sentimentos bons que estão sob o domínio da compreensão mútua. A cor da simpatia.

XI Semana de Extensão, Pesquisa e Pós-Graduação - SEPesq Centro Universitário Ritter dos Reis

Essas obras, da figura 01, mostram que a artista colocava um pouco do seu sentimento, mostrando em cada uma delas, um pouco da sua história. São fatos havidos e acontecidos que marcaram sua vida. Os representa através das formas e intensifica os sentimentos nas cores.

A segunda imagem (figura 2) traz as dez obras escolhidas dos anos de 1940 a 1949.

Figura 2: Obras de Frida Kahlo dos anos de 1940 a 1949.



Fonte: Elaborado pelos autores, com base na pesquisa realizada.

Nas obras que ficam no meio da vida artística, da figura 02, podemos analisar como primeiridade as obras, todas com auto-retratos da artista, alguns com cabelo preso, outras com ele solto. Suas roupas ou escuras ou claras. Cores em tons terrosos, cores mais pálidas. Muita natureza, flores, animais. Adornos na cabeça.

Na secundidade, percebemos que há cores em tons de verde folha e o marrom, o vermelho quase não aparece. Sua vestimenta está em cores marrom, preta ou branca. Traz novamente seus animais de estimação, macacos e papagaios, em frente as folhagens. Algumas obras a artista está com o cabelo bem feito, enfeitado, outras, com ele solto, sem cuidado. Duas obras aparecem o retrato da artista com uma vestimenta que Tehuana. Em um dos auto-retratos tem a imagem de seu marido em sua testa.

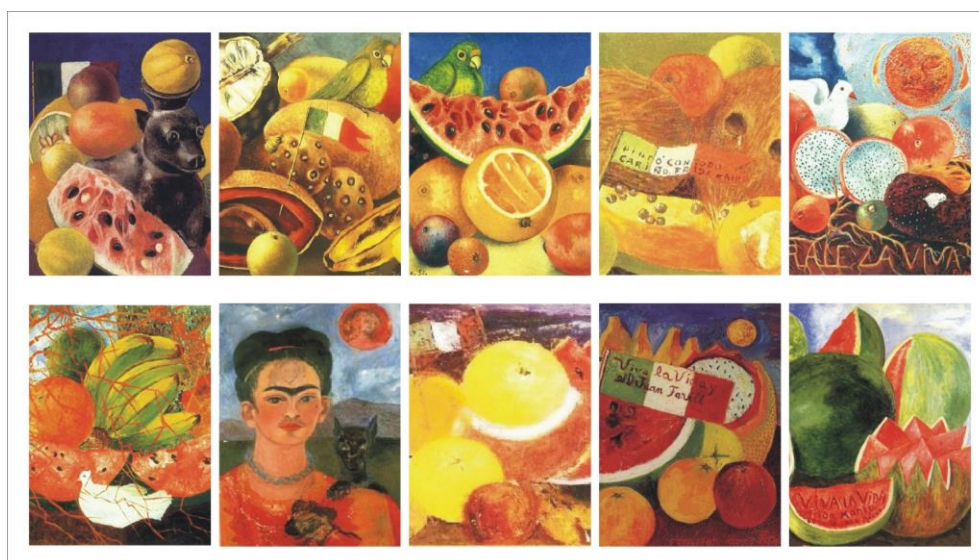
Essas obras são dos tempos em que Frida e seu marido passavam por momentos tumultuados, onde a solidão se faz presente em todo momento e seus animais de estimação a consolavam, atribuindo assim os valores de seus significados, sendo já a análise na terceiridade. Nestas obras o marrom traz o significado do mal-amado, do onipresente. E por isso também aparece com cabelos soltos, não estava preocupada com

XI Semana de Extensão, Pesquisa e Pós-Graduação - SEPesq Centro Universitário Ritter dos Reis

sua beleza e o desenho de seu marido na testa é o símbolo de que ela estava com o pensamento somente nele, em nada mais. Nesta fase, a tristeza e a maturidade, simbolizadas pelo verde folha e o marrom, se fazem presentes em todas as obras escolhidas. O verde também é esperança de mudanças. O preto em uma de suas roupas traz o sentimento do fim. Em duas obras Frida Kahlo se pinta-se com um vestido tradicional do México, o Tehuana, que seu marido admirava muito, usava para atraí-lo.

Por fim, a terceira imagem (figura 3) traz as dez obras escolhidas dos anos de 1951 a 1954.

Figura 3: Obras de Frida Kahlo dos anos de 1951 a 1954.



Fonte: Elaborado pelos autores, com base na pesquisa realizada.

Quanto a primeiridade, a primeira sensação é de que há muitas cores e muitas frutas. Uma obra com a artista e alguns animais. Já na secundidade, as cores são alegres e vibrantes. Aparece o vermelho, o amarelo, verde, azul, laranja e o marrom. A Frida Kahlo aparece com um cachorro em seu ombro como companheiro e este também está entre as frutas que ela tinha em casa. Há um sol que brilha sobre as frutas e uma pomba branca, assim como na paisagem. Em meio as frutas está a bandeira do México.

Analisando na terceiridade, podemos dizer que nestas obras pintadas no fim de sua vida, Frida se mostrou mais alegre, como se estivesse sabendo de sua morte e preferia mostrar apenas coisas boas pintando cores mais quentes. Como se quisesse transmitir uma idéia de felicidade, de esperança, de amor e paixão. Utilizou cores como o amarelo, que é a cor da loucura, parte do sol e da alegria. Com o verde, quis deixar sua luz, sua gratidão e a generosidade. Com o vermelho, para ela o sangue, aqui usa para deixar o seu amor, seu

XI Semana de Extensão, Pesquisa e Pós-Graduação - SEPesq Centro Universitário Ritter dos Reis

sentimento. O azul usa para passar a sua sutileza, seu sonho, sua pureza. E o marrom, para lembrar a terra e sua consciência. Colocou a bandeira mexicana entre suas obras para mostrar o quanto amava o local onde viveu como agradecimento. Os animais pintados mostram novamente o seu amor por seus companheiros e as pombas brancas, a paz que ela estava buscando.

4 Considerações finais

Através do levantamento teórico e a análise feita das três fases das obras da Frida Kahlo através da fenomenologia de Peirce e a simbologia das cores, mostrou que a artista utilizou as cores em suas obras para passar o que estava sentindo naqueles momentos, sendo de dor ou de felicidade, de esperança ou morte.

Contudo, podemos considerar que as cores se mostram sempre com muitos significados em cada análise, lembrando que, o significado de cada cor vai depender, de acordo com Farina (2011, p.86), da utilização, consciente ou inconscientemente, de uma cor em função de algo. Cada cor trará um sentimento conforme suas experiências, como para Frida.

A partir deste estudo, conclui-se que o designer de superfície pode utilizar o modelo fenomenológico de Peirce para analisar seu moodboard, ou seu quadro de pesquisa, para montar sua cartela de cores sob a psicologia das cores, com o intuito de passar ao usuário, os sentimentos pretendidos em seu projeto final. E não pode somente utilizar-se do modelo como também da própria análise feita das obras para compor, através das cores sentimentais de Frida Kahlo, novas possibilidades de superfícies.

Referências

EPSTEIN, Isaac. **O signo**. 7. ed. São Paulo, SP: Ática, 2000.

FARINA, Modesto; PEREZ, Clotilde; DORINHO (Ilustrador). **Psicodinâmica das cores em comunicação**. 6. ed. São Paulo, SP: Edgard Blücher, 2011.

FREITAS, Renata O. Teixeira de. **Design de Superfície: as ações comunicacionais táteis nos processos de criação**. São Paulo: Blucher, 2011.

FRIDA Kahlo Fans. Apresenta informações sobre a vida e obra da artista. <<http://www.fridakahlofans.com/mainmenu.html>> Acesso em: jul. 2015.

XI Semana de Extensão, Pesquisa e Pós-Graduação - SEPesq
Centro Universitário Ritter dos Reis

FUENTES, Carlos. **The diary of Frida Kahlo: na intimate self-portrait.** Introduction by Carlos Fuentes; essay and commentaries by Sarah M. Lowe. New York: Books Abrams, 1995.

GUIMARÃES, Luciano. **A cor como informação: a construção biofísica, lingüística e cultural da simbologia das cores.** 3. ed. São Paulo, SP: Annablume, 2004.

HELLER, Eva. **A Psicologia das Cores: Como as cores afetam a emoção e a razão.** 1. ed. Barcelona. 2012.

HERRERA, Hayden: **Uma biografia de Frida Kahlo.** México: Editorial Diana, 1984.

KETTENMAN, Andrea . **Frida Kahlo: Dor e Paixão.** Benedikt Taschen: köln, 1994.

NÖTH, Winfried. **A Semiótica no Século XX.** 3. ed. São Paulo, SP: Annablume, 2005.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica.** São Paulo, SP: Perspectiva, 2005.

RUBIM, Renata. **Desenhando a superfície.** 2. ed. São Paulo, SP: Rosari, 2010.

SANTAELLA, Lúcia. **O Que é semiótica.** São Paulo, SP: Brasiliense, 2006.

SANTAELLA, Lucia; NÖTH, Winfried. **Comunicação e semiótica.** São Paulo, SP: Hacker, 2004.